

UNIVERSIDADE BRASIL

PROJETOS INTERDISCIPLINARES NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

AUTORES: Alex Sandro Tomazini/Margarete Prachedes de Souza

RESUMO

Aborda-se neste artigo estratégias de compreensão dos conteúdos tratados na escola e está delimitado para o ensino da História nas séries do Ensino Médio. Considera-se que os alunos precisam seguir o percurso inverso dos saberes de História, para que rememorizem, reflitam, contextualizem e escolham novas significações, ampliando suas percepções de mundo. Assim, estará o docente possibilitando estratégias de compreensão, em que há análise, síntese e construção de novos conhecimentos a partir dos conteúdos em sala de aula.

Palavras-chave: História. Interdisciplinaridade. Projetos. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata do uso de estratégias de compreensão dos conteúdos tratados na escola e está delimitado para o ensino da História nas séries do Ensino Médio.

O desejo de aprofundar neste tema surgiu da inquietação com os últimos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e neste aspecto o objetivo é mostrar uma imensa lacuna entre propostas e ações; planejado e executado; intenções e efetividade.

O Ensino Médio oferece ao cidadão ferramentas para que ele possa inserir-se no mundo sócio-político-econômico e caminhar sozinho? Este é um questionamento a responder para que se tenha uma identidade do Ensino Médio e levem à compreensão das mudanças atuais, possibilitando novos sentidos para esta modalidade de ensino que se coloca como princípio filosófico: *Aprender para a Vida*.

As atividades propostas em sala de aula, para serem construtoras de sentidos, devem possibilitar que os estudantes observem, analisem, sintetizem e interprete nos múltiplos aspectos do tema focalizado, estabelecendo relações, levantando novas questões, extrapolando para outros assuntos.

OBJETIVOS

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a Interdisciplinaridade na disciplina de história e a prática dos projetos não são apenas o ajuntamento de saberes, o encontro de ciências, mas, sobretudo, uma intenção de juntar as percepções de mundo que navegam nas comunidades, construídas historicamente.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizaremos como metodologia o estudo bibliográfico de livro, revistas e de artigos científicos publicados na plataforma Scielo.

Os referenciais teóricos, uma vez compilados, serão lidos, estudados e fichados a fim de confeccionar uma redação clara e organizada sobre os principais conceitos que embasam o tema gerador. Durante a redação do referencial teórico, lança-se mão da análise qualitativa e crítica sobre as diferentes concepções e entendimentos sobre projetos na disciplina de História. Nesse sentido, procura-se apresentar um texto claro e preciso, que servirá de consulta para diferentes públicos e que trará diferentes reflexões sobre o tema tratado.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Machado (2010, p. 9), “existe algo que é anterior a todos os projetos, ou seja, algo que nos mantém vivos e é condição de possibilidade de todo projetar. Este algo pode ser chamado de esperança, vontade, ilusão.”

Em sua conotação mais frequente, em várias línguas, a palavra ilusão ostenta uma face negativa, caracterizando-se como irrealidade, engano ou erro. Em todas as línguas, porém, ilusão está associada à ideia de imaginação, fantasia, utopia, projeto.

Na Língua Portuguesa, por exemplo, em qualquer situação, poucos são os que se orgulham de estar desiludidos a respeito de qualquer tema; quase todos gostariam, portanto, de ter ilusões, ou de não ter perdido as esperanças.

Considerando a origem da palavra ilusão (jogo), ter ilusões é achar que vale a pena estar no jogo, é permanecer jogando, seguindo as regras e buscando os resultados. Não ter ilusões e crer que não vale a pena prosseguir seguindo as regras, é desistir de jogar o jogo da vida. Um professor precisa de ilusão pelos alunos, precisa acreditar na semeadura, na fecundidade de um trabalho e no resultado que pode alcançar agindo. A associação entre

ilusão e ação pode contribuir para a compreensão das conexões entre jogos, ilusões e projetos (HERNÁNDEZ, 2008).

Se é verdade que não se vive só de sonhos, só de ilusões, que nos alimentamos como seres humanos dos projetos que realizamos, também o é que sem sonhos, sem ilusões, sem esperança, sem vontade de viver – ou de jogar – não se fazem projetos.

Convém em rápidas palavras distinguir projeto de utopia, pois, segundo Machado (2010, p. 15), essa última é uma forma radicalizada de projeto, que visa, em geral, à comunidade humana em seu conjunto, não sendo delimitadas geográfica ou temporalmente. Realiza-se em lugar nenhum, em tempo algum, não tendo o compromisso com o futuro, característico da ideia de projeto.

Por via analógica, ainda considerando Hernández (2008), utopias costumam ser associadas a coisas impossíveis de se realizar, ou desejos vãos. Por outro lado, sonhos, ilusões, e particularmente utopias são essenciais para alimentar a imaginação no caminho para a elaboração de projetos.

Pode-se considerar, pelo exposto, que o ser humano precisa construir visões e sonhar com um futuro melhor, pois, faz parte do ser humano não se contentar com o presente. Todos os seres humanos deveriam ter utopias, no sentido de serem capazes de imaginar um mundo que funcionasse de um modo considerado mais adequado. Enfim, ter utopias é ter vontade de transformar globalmente a realidade, de construir a história.

O educador precisa refletir coerentemente sobre as coisas, buscando negar para transformar, devendo, pois, a partir da situação histórico-social atual, atuar com ética, respeito e coerência, o que significa, transformar sem destruir as bases do desenvolvimento humano, ou seja, gerar melhorias no que já existe, devagar, mas de forma constante (HERNÁNDEZ, 2008).

O mesmo autor afirma que a prática pedagógica nas salas de aula, infelizmente, tem omitido esta atuação transformadora do professor e, conseqüentemente, do aluno. Encontramos algumas vezes na sala de aula, um local de infelicidade, de tédio, de desmotivação; os assuntos parecem não ter a ver com a realidade, não trazem resultados imediatos e, no máximo, impelem o aluno para atividades mecânicas, que, embora bem intencionadas, não despertam dinamismo e muito menos necessidade do conhecimento.

Muitas foram as tentativas de implementação de projetos, segundo Barbosa (2010), porém, quase todas tiveram pouca duração devido ao fato de que a operacionalização dessa perspectiva teórica de organização do trabalho, esbarrava em ideias convencionais sobre a função da escola, do ensino e também da aprendizagem.

Mesmo encontrando restrições, a dinâmica da vida da sociedade atual e as novas características da infância e da adolescência nos mostra que é necessária modificação na forma de estruturar e organizar a vida escolar e isso pode ser feito por meio de projetos. Os projetos são formas de organização do trabalho escolar pela busca de conhecimentos, pela realização de atividades desenvolvidas pelos alunos, que estabelecem, dessa maneira, a relação entre teoria e prática (BARBOSA, 2010).

Para o mesmo autor, é fundamental que o professor, antes de pôr em prática um projeto, faça um diagnóstico para conhecer aquilo que seus alunos já sabem, o contexto e a situação cultural em que estão inseridos, para assim poder aplicar os métodos investigativos adequados ao nível de saber deles.

Qualquer projeto destina-se a propiciar aprendizagem e estudo pela busca de informações, descobrindo, respondendo a questões etc. Significa estudar de maneira diferente pela inovação e pela mudança na metodologia de ensinar que representa o espírito renovador da escola. Os projetos, como estratégias de aprendizagem, fazem com que os alunos sejam os criadores e os construtores de sua formação (HERNÁNDEZ, 2008).

Por reconhecerem que eles mesmos é que devem descobrir e buscar as respostas para o problema ou para os fatos a estudar, os alunos sentem-se completamente satisfeitos com o que fazem – e o fazem de maneira surpreendente.

A praticidade e a utilidade do projeto fundamentam-se: nas experiências já testadas, com sucesso, em muitas escolas; na psicologia da aprendizagem por descoberta; nos conceitos de Piaget sobre o desenvolvimento evolutivo e o sentido de construção do conhecimento partindo do que os alunos já sabem; na necessidade de vincular a teoria à prática, que leva à organização dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais a serem ensinados; na preocupação do trabalho partilhado, que favorece a solidariedade e a aprendizagem democrática (MARTINS, 2011).

A escolha ou indicação dos temas dos projetos a serem investigados deve obedecer a critérios, como: devem ser problemas com possíveis soluções a serem encontradas; de preferência, esta escolha deve recair sobre temas que possam ser trabalhados por diferentes disciplinas, em diferentes momentos e para diferentes finalidades; os temas devem estar relacionados a situações cotidianas significativas dos alunos ou por eles vivenciadas; os temas devem estar adequados aos objetivos do projeto educacional proposto pelo planejamento da escola (HERNÁNDEZ, 2008).

A palavra projeto segundo Machado (2000, p.1), costuma ser associada ao trabalho tanto de engenheiros ou arquitetos, quanto a trabalhos acadêmicos, à estruturação de planos

educacionais, políticos ou econômicos. No entanto, a ideia de projeto está presente em contextos mais abrangentes, mais pessoais e diz respeito a todas as ações que caracterizam o modo de ser do ser humano.

Ainda segundo Machado (2010, p. 2), etimologicamente, a palavra projeto deriva do latim *projectus*, participio passado de *projicere*, significando algo como um jato lançado para frente.

Na sua prática diária os educadores deparam com muitos problemas educacionais, ou seja, necessidades que professores e alunos têm, durante o processo de ensino e aprendizagem. Normalmente o professor está atento aos problemas, mas pouco consegue quanto a resolvê-los. Vejamos como podemos resolver estes problemas, fazendo uso de um projeto de trabalho (MARTINS, 2011).

O projeto de trabalho, segundo Martins (2011), é uma resposta – nem perfeita, nem definitiva, nem única – para a evolução que o professorado quer, refletindo sobre sua própria prática, para melhorá-la. A organização do projeto de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem.

A prática interdisciplinar deve levar os alunos ao plano da ação refletida, a uma consciência dos problemas a resolver e daí para a consciência dos meios cognitivos – que não devem ser apenas dedutivos, mas plenos de indução, em que se recria um contexto e se tem uma percepção ampliada do conhecimento, para além dos limites impostos, levando à libertação e possibilitando um modo de comunicação que ultrapasse a simples junção das disciplinas escolares e a prática de reproduzir informações.

A interdisciplinaridade é fundamental para ampliar a visão dos profissionais e acadêmicos e facilitar as tomadas de decisões, tendo em vista o atual estágio de maturidade do conhecimento humano e a velocidade e profundidade das mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas. Promover a interdisciplinaridade é possibilitar o estabelecimento de relações entre conceitos abordados em diferentes disciplinas, explicitando a interdependência do conhecimento para romper com a fragmentação (FURLANETO, 2008).

O movimento da interdisciplinaridade surgiu na Europa, principalmente na França e Itália, em meados de 1960, aparecendo, inicialmente, como tentativa de elucidação e de classificação temática das propostas educacionais de rompimento com a fragmentação da educação, conquanto o destino da ciência multipartida ensejava a falência do conhecimento,

na medida que se distanciasse de um conhecimento em totalidade, se estaria decretando a falência do humano, a agonia da civilização (FAZENDA, 2004).

Chubin et al. (2006), afirma que a interdisciplinaridade é um problema de conhecimento e qualquer tentativa de entender o seu conceito torna-se dificultoso, já que existem diferentes opiniões sobre a sua origem. Para alguns, o tema é antigo e tem suas raízes nas ideias de Platão, Aristóteles, Rabelais, Kant, Hegel e outras figuras históricas que foram consideradas pensadores da interdisciplinaridade. Para outros, é inteiramente um fenômeno do século XX, com raízes nas modernas reformas educacionais, pesquisa aplicada e movimentos na fronteiras da disciplinaridade.

Na verdade, o mesmo autor defende que o termo interdisciplinaridade não surgiu antes do século XX, mas as ideias são bastante antigas, de modo que é importante tratar da moderna concepção de interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade é fundamental para ampliar a visão dos profissionais e acadêmicos e facilitar as tomadas de decisões, tendo em vista o atual estágio de maturidade do conhecimento humano e a velocidade e profundidade das mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas. Promover a interdisciplinaridade é possibilitar o estabelecimento de relações entre conceitos abordados em diferentes disciplinas, explicitando a interdependência do conhecimento para romper com a fragmentação (FURLANETO, 2008).

Estar aberto e ter percepção sobre o que está acontecendo no mundo e no jeito de pensar é essencial para possibilitar a participação ativa nos caminhos que levam ao conhecimento e às práticas de busca do conhecimento. A base da interdisciplinaridade é a visão total do conhecimento e a abertura daqueles que vão fazer acontecer o sucesso de uma aprendizagem significativa.

Para Fazenda (2004), na história da interdisciplinaridade, Gusdorf¹ apresentou à Unesco um projeto de pesquisa interdisciplinar (de totalidade) para as ciências humanas – a intenção seria orientar as ciências humanas para a convergência, trabalhando pela unidade humana, sujeita a dicotomias como ciência e arte; cultura e ciência; objetividade e subjetividade; percepção e sensação; espaço e tempo.

Conforme Chubin et al. (2006), considerando a desintegração do conhecimento, Gusdorf apontava obstáculos para o conhecimento interdisciplinar: a) subdivisão das disciplinas – a criação de linguagens específicas para cada saber; b) reforço institucional –

¹ Georges Gusdorf (1912-2000), filósofo e epistemológico francês, que tratou das ciências humanas e do pensamento ocidental, preocupando-se com as questões da pedagogia, metafísica, significação, entre outras. Fonte: Uniucamp (2008).

instituições de ensino e pesquisa reforçam a subdivisão das disciplinas; c) desenvolvimento de sistemas feudais de desenvolvimento – a multiplicação de instituições e os espaços intelectuais cada vez mais compartimentados; d) divisão das culturas – a divisão das culturas gera divisão de mentalidades; e) formas de interdisciplinaridade falsa – o ajuntamento de pessoas com domínio de vários saberes não implica interdisciplinaridade real; f) sintetização do saber dominado – síntese nos limites do domínio do saber fragmentado.

A interdisciplinaridade surgiu como um ponto de vista capaz de exercer uma reflexão aprofundada, crítica e salutar sobre o funcionamento das instituições educacionais, permitindo a consolidação da autocrítica, desenvolvimento da pesquisa e da inovação (FAZENDA, 2004).

Lück (2009), ao tratar de interdisciplinaridade, defende que, ao organizar o documento transnacional *Interdisciplinaridade e Ciências Humanas*, em 1983, Gasdorp tratou de pontos de encontro e cooperação das disciplinas que formam as ciências humanas e da influência que umas exercem sobre as outras, seja do ponto de vista histórico, seja do filosófico. São analisados os problemas e os campos de estudo mais significativos, além de mostrar certas relações entre as ciências naturais e humanas.

Na escola, então, interdisciplinaridade passa a ser a organização da informação dos conhecimentos escolares, para que a aprendizagem não se realize por uma simples adição, e sim pelo estabelecimento de conexões a partir dos conhecimentos que os alunos já possuem.

Buscar a interdisciplinaridade na atividade pedagógica, fará do educador um pesquisador, consciente e comprometido com a sua autonomia e a do aluno, empenhando-se objetivamente, para o sucesso de sua atuação.

Observa-se na fala dos autores citados que o discurso oficial do Ensino Médio é o de formação para a vida, porém, identifica-se por meio de vários contra-argumentos, um Ensino Médio para o capital, em que a formação é para o atendimento das necessidades produtivas. Portanto, o discurso indica uma formação para a ávida e a prática para o capital.

Trabalha-se a questão das relações de poder e as diferenças no cotidiano da escola, sob o olhar de vários teóricos que deixam transparecer que a Escola é para o capital e não para a vida. Contudo, foram lançadas propostas dos autores citados, de ações contra-hegemônicas que mostram possíveis caminhos para a superação das limitações do capital e assunção de uma escola para o povo.

Considera-se que a escola média precisa rever o passado, articular o presente e lançar um projeto para o futuro, simples, claro e objetivo, isto é, que atenda os anseios da

comunidade escolar e local e os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, superando as limitações da cidadania, diferença e relações de poder capitalistas.

Neste aspecto é que este trabalho procurou valorizar o ensino da História pautado pela pedagogia dos projetos e pela ação interdisciplinar e, antes de se escrever algumas considerações finais é importante esclarecer que não há verdades absolutas, de modo que o que se vier a declarar como conclusão estará passível de novas visões, de novas conceituações e novos paradigmas. O ser humano é um eterno aprendiz e essa é a sua melhor qualidade.

Ao se tratar de História, com base em Martins (2011), pode-se identificá-la como um fenômeno complexo e heterogêneo, pois articula, contemporaneidade, passado, futuro, capitalismo, condição local, nacional, internacional, cultura, povos, crenças.

Também, com base em Chubin et al (2006), para que um fenômeno seja tratado como complexo, exige do pesquisador: flexibilidade para a incerteza; familiaridade; continuidade; experiência extrema; e, essencial, a concepção de que existe um outro, não como etnocentrismo, mas como interação e integração, ou seja, não se domina sozinho, mas com o referencial do outro, como complementaridade para compreensão da complexidade.

O modelo hegemônico de civilização precisa ser questionado radicalmente e o desafio do pensamento crítico é superar os estreitos limites desse paradigma de pensamento único, para indagar outros saberes, outras práticas, outros sujeitos, outros imaginários capazes de conservar viva a chama das alternativas para essa ordem social de hegemonia do capital.

Infelizmente, as atuais estruturas disciplinares das universidades latino-americanas cristalizadas pelas relações de poder do capital, cristalizam também o conhecimento sob a luz da naturalização e cientificação do mundo neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma escola interdisciplinar significa contextualizada com a realidade presente, e democrática, isto é, que dê oportunidades a todos de adquirirem competências importantes para a vida social, profissional e pessoal, uma questão de coerência com as diretrizes educacionais nacionais, na medida em que pressupõem uma formação do aluno para o mundo do trabalho e para o seu sucesso como cidadão.

Na escola interdisciplinar deve-se estar buscando formar um espaço de aprendizagem coletiva e cooperativa, de modo que se possa despontar como uma comunidade de pessoas que se identificam num mesmo objetivo e que se assumam como tendo a mesma vontade.

Ainda sobre a especificidade do cotidiano escolar, coloca-se que a escola trabalha com crianças, jovens e adultos, o que não é fácil mesmo porque são pessoas e, portanto, subjetivas, únicas e com necessidades diferentes. Não é só isso; tem a administração dos professores, o trabalho com o processo pedagógico, a integração da escola com outros âmbitos, a administração dos recursos financeiros, o cuidado com os recursos físicos e materiais.

O grande desafio do educador interdisciplinar passa a ser a reflexão permanentemente renovada acerca dos modos como enfrentar as oportunidades e as ameaças de uma sociedade da informação e da comunicação, fazendo da escola o que ela sempre representou para as pessoas, um lugar onde se aprender a aprender, a fazer, a viver e a ser.

O professor deve usar a interdisciplinaridade como uma estratégia pedagógica que assegure aos alunos a compreensão dos fenômenos naturais e sociais. Ao relacionar o conhecimento escolar aos contextos naturais e sociais de onde foi extraído e onde é aplicado, se deve fornecer aos alunos as ferramentas mentais para a compreensão e a ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M.C.S. Por que voltamos a falar e a trabalhar com a pedagogia dos projetos? **Revista Educação**, nº 4. Porto Alegre: Projeto. Janeiro/junho 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1998.

CHUBIN, D.; PORTER, A.; ROSSINI, F.; CONOLLY, T. **Interdisciplinary Research and Analysis: A Book of Readings**. USA: Lomond, 2006.

FAZENDA, I.C.A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. Campinas: Papirus, 2004.

FURLANETO, E.C. **A prática interdisciplinar**. São Paulo: Érica, 2008.

HERNÁNDEZ, F. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed. 2008.

LÜCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis: Vozes. 2009.

MARTINS, J.S. **O trabalho com projetos de pesquisa**. Campinas: Papirus. 2011.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2008.